



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O IMPACTO DA AMPLICAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE JOVENS NEGROS**

Edilza Correia Sotero  
(PPGS-USP)

### **Introdução**

Este artigo tem por objetivo discutir argumentos em torno de expectativas de inserção no mercado de trabalho, após aquisição do diploma, por estudantes negros que optaram pelo benefício de políticas de ação afirmativa no ingresso do ensino superior<sup>1</sup>. O contexto escolhido para análise é o de alargamento das oportunidades para o ingresso e permanência de estudantes em geral na universidade, e para a população negra e pobre em particular. Duas políticas públicas serão foco de análise, as Cotas em IES públicas e o ProUni em IES privadas.

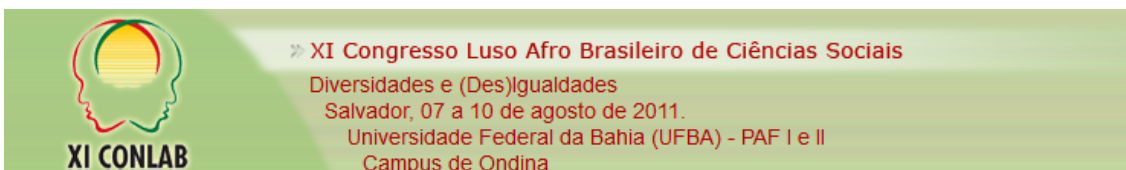
Apresento aqui alguns resultados da investigação realizada na cidade de Salvador com estudantes negros, do curso de Administração, em sete Instituições de Ensino Superior (IES), com vistas a contribuir com os debates sobre inclusão de grupos historicamente subrepresentados no Ensino Superior, e mais recentemente, nas consequências efetivas desta inclusão para as chances de mobilidade social destes grupos.

### **Consequências do crescimento do acesso ao ensino superior Brasil**

O acesso e a permanência de grupos historicamente subrepresentados no ensino superior centralizou em muitos momentos as atenções no cenário social brasileiro desde a última metade da década de 1990. Em um primeiro momento, o assunto ficou restrito ao espaço político, depois tomou a forma de um debate público que opunha contrários e favoráveis às ações afirmativas em benefício de negros, indígenas, estudantes de escolas públicas, dentre outros, nas universidades públicas. Questões como essas também

---

1 Este artigo apresenta alguns resultados da minha pesquisa de mestrado em Sociologia na FFLCH/USP.



passaram a ser interesse de investigação nas ciências sociais.

Certamente, as ações afirmativas introduzidas nas IES públicas brasileiras são um importante marco para a abertura democrática no ensino superior, entretanto essa não foi a única iniciativa introduzida no Brasil, com objetivo de promover o ingresso de grupos historicamente subrepresentados nesta modalidade de ensino. O governo brasileiro sancionou, no ano de 2005, a lei de um programa de ação afirmativa voltado à inclusão de alunos, através de incentivo político-financeiro, associado à renúncia fiscal da União, exclusivamente para o ensino superior privado, denominado de programa Universidade para Todos, o ProUni. Em termos quantitativos, o ProUni se revela uma política muito mais expressiva que as ações afirmativas perpetradas pelas IES públicas.

Além dos aspectos relativos à formulação e desenvolvimento das políticas de facilitação de acesso ao ensino superior, no processo de democratização desse nível de ensino, é importante atentar para os seus “beneficiários”. Nesta investigação, a preocupação se deu na apreensão das estratégias e dos projetos dos estudantes, que optaram pelo benefício de políticas de ação afirmativa no ingresso do ensino superior, e de suas famílias, para aquisição do diploma. Procurei entender de que forma essas trajetórias individuais e o discurso sobre as expectativas futuras têm lugar na atual conjuntura social que apresenta um alargamento das oportunidades para o ingresso e permanência na universidade de forma geral, e para a população negra e pobre em particular. Mesmo que não tenha sido a intenção medir o sucesso do diploma para efetivação de mobilidade social, foi preciso situar as expectativas dos estudantes dentro da dinâmica do mercado de trabalho. Quando trato do mercado de trabalho, minha intenção é abordar a questão da mobilidade social. Reafirmando o que já foi dito sobre instrução como via de ascensão, a escolarização é tida como o principal determinante para o “posicionamento socioeconômico” dos indivíduos na hierarquização social (PASTORE; VALLE SILVA, 2000).

Para entender o lugar da formação acadêmica como parte das estratégias de mobilidade de estudantes negros, é necessário atinar também para as modificações no ensino superior. Se a educação opera como um fator relevante para a ascensão, esta também se modifica historicamente. Quando há mudança no sistema educacional,



umentam as oportunidades de ingresso, e os critérios de seleção são mais diversos, ocorrem certamente modificações nas estratégias dos indivíduos para que estas se adaptem às novas condições sociais.

### **Estratégias de mobilidade de estudantes negros – questões metodológicas**

Na pesquisa empírica realizada, não foi possível abordar todos os cursos de nível superior. Dessa forma, escolhi variar apenas em relação ao tipo de instituição e utilizar somente um curso, Administração, que é um dos mais popularizados no ensino superior. Dados do Censo da Educação de 2007 mostram que existiam em funcionamento no país, mais de 2.886 cursos presenciais na área de Gerenciamento e Administração, perdendo em quantidade só para os cursos na área de Educação.

Decidi ainda por trabalhar no campo com a cidade de Salvador. A Bahia é o estado que apresenta maior oferta de vagas e número de matrículas em instituições de educação de nível superior nas regiões Norte e Nordeste. O estado também é o maior beneficiado no Norte e Nordeste em número de bolsas do governo federal em IES privadas, através do ProUni, sendo que do total, as instituições localizadas na capital, Salvador, reúne cerca de 2/3 dos benefícios.

Para chegar aos estudantes foi necessário selecionar algumas IES a partir de critérios que pudessem indicar uma variação em termos do prestígio social destas. As variáveis utilizadas foram: dependência administrativa (pública ou privada), tempo de atuação, conceito de qualidade recebido junto ao MEC<sup>2</sup>, seleção via ProUni ou cotas, categoria (Universidade, Centro Universitário ou Faculdade) e avaliação de profissionais da área de Recursos Humanos.

Após utilizar os diversos critérios para a seleção, cheguei ao quadro abaixo:

	<b>Categoria</b>	<b>Organização Administrativa</b>	<b>Início do curso</b>	<b>IGC – Faixas</b>
--	------------------	-----------------------------------	------------------------	---------------------

<sup>2</sup> A partir de 2008, o sistema de avaliação foi integrado e divulgado na forma do Índice Geral dos Cursos (IGC), com base na média ponderada das notas dos cursos de cada instituição. Dessa forma, a proposta do IGC é sintetizar em um único indicador a qualidade de todos os cursos de graduação, mestrado e doutorado de cada instituição. A medição do índice deve ser feita anualmente e divulgada em valores contínuos (que vão de 0 a 500) e em faixas (de 1 a 5).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

1	Universidade	Pública federal	1961	4
2	Universidade	Pública estadual	1997	4
3	Universidade	Privada filantrópica	1970	3
4	Centro universitário	Privada em sentido estrito	1999	3
5	Faculdade A	Privada em sentido estrito	2003	2
6	Faculdade B	Privada em sentido estrito	2006	3
7	Faculdade C	Privada em sentido estrito	2001	Sem avaliação

A seleção dos estudantes entrevistados foi baseada em critérios que determinassem variações de sexo, idade, condição socioeconômica, formação escolar dos pais, tipo de escola pública em que estudou, bairro de moradia e fase no curso (concluente ou ingressante).

<b>Identificação (nome fictício)</b>	<b>IES</b>	<b>Fase no curso</b>	<b>Idade</b>	<b>Bairro</b>
<b>Pilar</b>	Faculdade B	Ingressante	21	São Caetano
<b>Ísis</b>	Faculdade C	Concluente	35	Santa Mônica
<b>Jussara</b>	Centro universitário	Ingressante	22	Fazenda Grande
<b>André</b>	Universidade filantrópica	Ingressante	24	Cajazeiras
<b>Lucas</b>	Universidade federal	Ingressante	21	Fazenda Coutos
<b>Amanda</b>	Universidade estadual	Concluente	25	Mussurunga
<b>Bruna</b>	Universidade federal	Concluente	21	Lobato
<b>Igor</b>	Faculdade A	Ingressante	24	Pirajá
<b>Vitor</b>	Centro universitário	Concluente	19	Alto do Cabrito
<b>Luís</b>	Faculdade B	Concluente	28	Alto do Coqueinho

### Relação entre origens e destinos

Os dez estudantes residiam em áreas populares na cidade de Salvador<sup>3</sup>, caracterizadas pela alta concentração de negros e pobres. Um auxílio para a reflexão

<sup>3</sup> Utilizo a expressão “áreas populares” com base na metodologia desenvolvida pelo projeto Metrôpoles, Desigualdades Sócioespaciais e Governança e empregada por Carvalho e Barreto (2007) para analisar a estrutura social da cidade de Salvador.



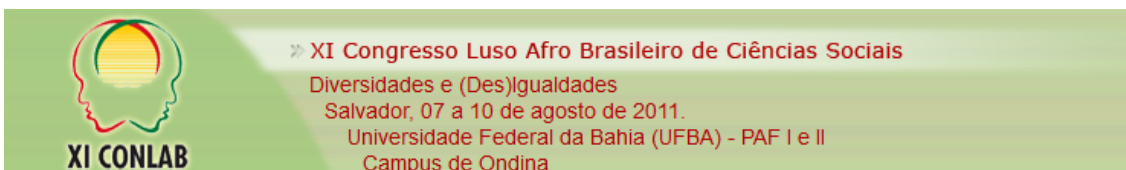
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sobre essa questão, o estudo de Carvalho e Barreto (2007), discute as articulações entre segregação residencial, posição social e raça, na capital baiana. As autoras concluem que, por Salvador ser uma cidade com alta segregação residencial, caracterizada por grandes áreas homogêneas de concentração de população pobre, na sua maioria negra, as desigualdades sociais se agravam, as carências são sobrepostas e as condições de vida são continuamente deterioradas.

É nessas áreas populares onde se concentra a maior parte da população migrante. Todos os entrevistados tem histórico de migração familiar, quer seja o pai, a mãe, ou ambos. Dados relacionados a migração na cidade de Salvador apontam o saldo migratório no período de 1940 a 1991 foi o responsável por mais de 50% do crescimento demográfico em Salvador. O fluxo migratório foi maior entre os anos 1960 e 1980, a população que chegava a cidade nesse período era formada na maioria de jovens, entre 10 e 34 anos, provenientes principalmente das áreas rurais do próprio estado. Eram, portanto, indivíduos que saíam de suas regiões de origem em busca de melhores ocupações no mercado de trabalho. Mas, por se tratar de mão-de-obra de baixa qualificação, com pouca instrução e menor ainda experiência em trabalhos urbanos, acabavam tendo sua força de trabalho empregada em ocupações mal remuneradas e em condições instáveis (CARVALHO; ALMEIDA; AZEVEDO, 2001).

As narrativas dos estudantes sobre a história de migração dos pais segue o perfil traçado acima. A tendência geral em relação a trajetória ocupacional e educacional dos pais e mães dos entrevistados foi de pouca mudança em relação ao período de chegada na cidade. A informalidade é uma marca das ocupações de grande parte dos pais dos entrevistados. Salvador tem um mercado de trabalho marcado fortemente pelo emprego informal em ocupações de alta precariedade. No caso dos pais dos entrevistados, as funções estão principalmente na área de serviço doméstico, construção civil e comércio.

O histórico escolar dos pais dos entrevistados tem poucas diferenças. A narrativa é sempre muito similar: os estudos foram iniciados ainda enquanto moravam em suas cidades de origem, o momento da migração significou o abandono dos estudos, o que resultou em formações escolares muito curtas ou quase nulas. A explicação para a não continuidade dos estudos é a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. De fato, dada a



reduzida formação escolar, as posições que estes encontraram quando chegaram a Salvador foram limitadas a atividades manuais e de pouca remuneração.

Uma das lembranças dos entrevistados sobre ações dos pais em relação à vida escolar dos filhos na infância foi no sentido de encorajar para que estes aproveitassem a “oportunidade que os mais velhos não tiveram”, de iniciar os estudos ainda jovens e de não precisar conciliar trabalho e estudo na infância.

O incentivo da família, amigos e professores aparece em duas formas, os ‘conselhos’ para dedicação aos estudos, mas também através de ações, principalmente o financiamento da vida escolar. As relações de amizade e solidariedade que atuam para apoiar, incentivar e manter o estudante durante o projeto-trajeto de ascensão compõem sua rede. Teixeira (1998) aponta que a ascensão via rede de relações tem caráter informal e personalístico, resultado da estrutura hierarquizada e racialmente desigual da sociedade brasileira. A autora defendia naquele momento a existência de políticas de ações afirmativas voltadas para negros e pobres<sup>4</sup>, o que constituiria uma rede formal, de caráter institucional, “baseada em critérios públicos estendidos de forma ampla a toda uma parcela da população” (p. 224).

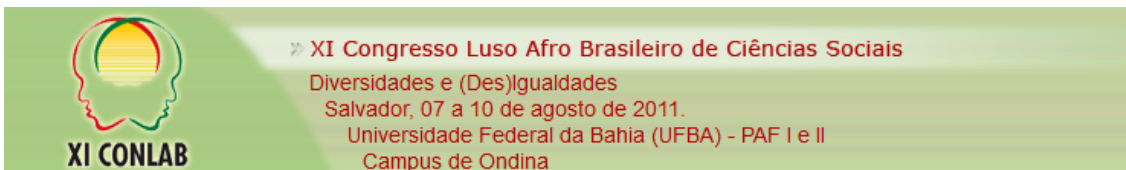
A análise com base nas redes de relações encontra viabilidade para aplicação no caso estudado. Os estudantes apontaram pessoas próximas, familiares, amigos ou professores, que tiveram uma atuação efetiva para o sucesso em suas trajetórias escolares. As três vias de ação da rede - incentivo, apoio e manutenção - também foram perceptíveis nas diversas trajetórias, em maior ou menor grau.

### **Percepções do Ensino Superior: Instituições e Cursos**

O processo de ingresso no ensino superior é ponto crucial em nossa análise da trajetória dos estudantes, principalmente porque neste momento são expostos o processo de 'escolha' cada indivíduo que o direcionou para a instituição em que estuda. Uma questão comum nas narrativas dos entrevistados é que o ingresso no ensino superior não

---

4 O período de realização das pesquisas foram os anos de 1994 a 1998, quando não existiam no Brasil políticas de ação afirmativa para o ingresso de negros e/ou pobres em universidades brasileiras.



foi fruto de alguma casualidade, mas sim de um projeto<sup>5</sup>, que para alguns foi rapidamente executado, enquanto que para outros a consecução só se deu após um longo período de espera.

Ainda que o ingresso no ensino superior tenha aparecido na fala dos estudantes como um plano inequívoco, o curso escolhido, Administração, não apareceu em nenhuma fala como componente primordial para a realização desse plano. O argumento mais usual para explicar a escolha pelo curso foi a noção de que o diploma possibilitaria amplas possibilidades de ingresso no mercado de trabalho. Para alguns bolsistas ProUni, o curso não foi a primeira opção selecionada<sup>6</sup>, mas se enquadrava de alguma forma dentro das expectativas pretendidas com a formação no ensino superior.

A questão fundamental para qual queremos chamar a atenção é que o projeto de inserção no ensino superior existiu em todos os casos, a diferenciação acontecendo apenas nas estratégias utilizadas, como o curso e a instituição escolhidos, que estão dentro do campo de possibilidades de cada entrevistado.

Somente três dos dez entrevistados conseguiram ingressar numa universidade pública, dois na universidade federal e uma na estadual. Boa parte dos entrevistados que está nas IES privadas por intermédio de bolsas Prouni nunca desenvolveu qualquer ação prática para prestar os vestibulares das IES públicas, quer seja se inscrevendo no concurso ou mesmo desenvolvendo uma preparação sistemática para a prova. As explicações para tal comportamento estão relacionadas à defasagem sentida pela formação na escola pública e a pobreza que impossibilitou o custeio da preparação para a prova. A atitude dos estudantes parece confirmar o que foi apontado por Guimarães (2003): a auto exclusão é um dos fatores para a pouca absorção de estudantes negros na universidade.

A auto exclusão marca quão real é o cálculo de possibilidades feito pelos indivíduos. As políticas de Ação Afirmativa nas IES públicas são certamente um avanço em termos de democratização, o que poderia aumentar as tentativas dos estudantes no

---

5 Utilizo aqui a noção de projeto desenvolvida por Gilberto Velho (1994), ou seja, uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” que se desenvolve num espaço propício a sua formulação e ao seu desenvolvimento, inserida num “campo de possibilidades”

6 O pleiteante a bolsa ProUni tem direito a selecionar cinco cursos diferentes no ato da inscrição.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

vestibular. Entretanto, mesmo que os modelos de ações afirmativas no setor público e privado, este último por intermédio do ProUni, tenham o objetivo de inserção de grupos racial e socialmente excluídos do ensino superior, os limites das propostas são relativos à capacidade de cada setor <sup>7</sup>. Uma das consequências das diferentes políticas de inclusão é que os estudantes acabam se direcionando para as IES com propostas que oferecem possibilidades mais amplas de ingresso (Guimarães, 2007)

Identifiquei entre os entrevistados dois perfis de bolsistas Prouni: os com prévia experiência em vestibulares em universidades públicas e os que tiveram na seleção do programa a primeira tentativa de ingresso no ensino superior. Os primeiros optaram pelo ingresso numa IES privada só depois do resultado negativo no vestibular da universidade pública. Uma das estudantes, Jussara, chegou a tentar o vestibular em uma universidade pública mesmo depois de cursar um ano de Administração na IES onde estuda, mas não foi aprovada.

O meio pelo qual os estudantes o Prouni demonstrou novamente que o papel das redes de relação e solidariedade. Mesmo que o programa tenha recebido ampla divulgação pública desde o momento da sua implementação, tanto na mídia televisiva e radiofônica, quanto nas escolas, o incentivo de amigos e parentes que primeiro conseguiram uma bolsa foi fundamental nos casos estudados para despertar o interesse pelo programa.

Os depoimentos dos estudantes permitem supor que, mais do que qualquer outra coisa, a principal propaganda positiva do Prouni são os próprios alunos que alcançam êxito no ingresso. Uma das entrevistadas faz parte do primeiro conjunto de bolsistas Prouni e fez a seleção no primeiro ano do programa. O relato demonstra que a então falta de referências gerou certas desconfianças sobre a validade da proposta do Prouni.

O outro aspecto da seleção, a escolha da IES pelos estudantes, também contou com diversos critérios, a primeira foi a nota do ENEM, que assim como na escolha do curso, limita sensivelmente as possibilidades de inscrição. No campo dos critérios

---

7 A UFBA, no ano de 2009, ofereceu 6.996 vagas no total, em seus campi de Salvador, Vitória da Conquista e Barreiras. No mesmo ano, a UNEB abriu seleção para 5.045 vagas em Salvador e em 23 municípios do interior onde tem campi. Ainda em 2009, o total de bolsas ofertadas pelo ProUni para o Estado da Bahia foi de 11.968, quase o total das vagas da UNEB e UFBA juntas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

personais, a questão logística parece ser um aspecto importante, as dificuldades de deslocamento na cidade foram apontadas, mas não apareceram como o ponto central das explicações para a escolha da instituição.

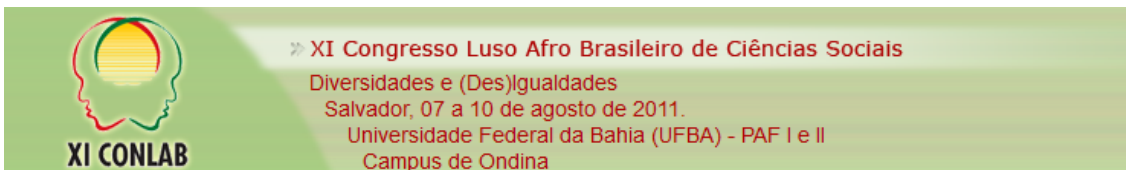
A qualidade da instituição, sua reputação, revelou-se ponto chave para a escolha. Mas o que é qualidade varia de estudante para estudante. Para uns ela é expressa pela tradição, ou anos de atuação da instituição, já para outros, qualidade envolve outros aspectos, como a inserção do profissional formado pela instituição no mercado de trabalho. Esse tipo de avaliação, porém, exige que o aluno tenha um conhecimento prévio sobre o ensino nas diferentes instituições da cidade, o que não acontece normalmente. No geral, os entrevistados demonstraram ter um conhecimento vago sobre a estrutura da organização do ensino superior em Salvador antes do ingresso em uma IES, e as noções sobre qualidade estiveram muito relacionados à propaganda que essas instituições veiculam na mídia.

Apesar do processo de escolha das instituições apresentar um caráter, na maioria das vezes, bastante subjetivo, os estudantes apontam que foram analisados diversos fatores para a seleção e que a escolha final é sempre “a melhor das possíveis”.

Acredito que qualquer avaliação dos estudantes sobre qualidade das instituições de ensino superior em Salvador tenha sido parcial, fruto da necessidade de não invalidar sua escolha de instituição para obtenção do diploma de graduação. Porque, apesar de toda a conjuntura que possa ter limitado as possibilidades, a instituição em que o entrevistado estuda atualmente é fruto também da sua escolha. Mesmo nos casos em que não foi a primeira opção, o próprio aluno em algum momento precisou fazer a decisão que resultou no ingresso.

Diferente da avaliação pessoal a respeito das IES em Salvador, quando questionados se consideram existir uma noção do senso comum a respeito do assunto, as falas dos alunos coincidem bastante. Assim, mesmo que pessoalmente apresentem uma ideia muito particular sobre qualidade das instituições, quando a questão é feita sobre o pensamento compartilhado socialmente a respeito do prestígio das IES, as opiniões coincidem.

No geral, os estudantes consideraram que há uma noção social de prestígio que



classifica as instituições e os cursos, mesmo que essa hierarquização seja pautada em aspectos considerados inválidos por eles. Para se opor a esse entendimento social de que o diploma teria valor diferente para cada instituição, os estudantes defendem que o esforço pessoal deve contar muito mais do que outros aspectos, esse argumento é mais comum entre os bolsistas ProUni.

### **Expectativas sobre a inserção no mercado de trabalho**

O prestígio social dos cursos e instituições e a avaliação individual dos alunos sobre estes toma aspecto ainda mais conflituoso quando estes passam a tratar de suas expectativas para aplicação do diploma para disputa de vagas no mercado de trabalho. Como mencionei anteriormente, estou tratando neste artigo de estudantes com origem familiar e trajetória escolar semelhante, que optaram pelo mesmo curso no ensino superior, mas que desenvolveram diferentes estratégias para isso. De um lado, os que ingressaram em universidades públicas e que foram beneficiados com a política de reserva de vagas. Do outro, aqueles que receberam bolsa do Governo Federal para ingressar em IES privadas - uma universidade, um centro universitário e três faculdades. Esses estudantes ainda se diferenciam pelo momento no curso, ingressantes ou concluintes.

Diversos outros aspectos podem interferir na constituição das expectativas de futuro desses estudantes. Sei que é impossível isolar as duas variáveis de interesse - IES escolhida e fase no curso - e assim determinar qual influência destas nas expectativas dos estudantes. Procurei, então, entender como se relacionam estas variáveis com as expectativas, a partir da forma em que elas apareceram nas falas de cada um dos estudantes.

De forma geral, procurei apreender como se forma a visão dos estudantes sobre o mercado de trabalho e sobre os valores desiguais atribuídos a diplomas concedidos por diferentes IES, influenciando na constituição de suas expectativas de futuro profissional. Além disso, também procuro perceber se essas expectativas variam para ingressantes e concluintes nos cursos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Dos dez estudantes entrevistados, cinco eram ingressantes no período em que foram realizadas as entrevistas e outros cinco eram concluintes. Quatro estavam trabalhando, nenhum deles em funções correspondentes a sua formação. Três ainda trabalhavam nas mesmas funções que desempenhavam antes de ingressar no ensino superior. Alguns dos que não estavam trabalhando no momento da entrevista já tinham passado por ao menos uma experiência no mercado de trabalho, o que, segundo eles, tornou mais urgente a necessidade de ingressar no ensino superior, visto como uma alternativa, às vezes a única, para atingir novas posições sociais. Agora me resta falar das novas posições almejadas por cada um dos estudantes.

O intuito principal era compreender como eles internalizam determinismos sociais e desenvolvem estratégias para modificar sua posição (BOURDIEU, 2004). Os determinismos sociais estão relacionados às posições ocupadas pelos agentes no campo, que são limitadas pelas disposições sociais, ou seja, a origem e a trajetória social destes<sup>8</sup>.

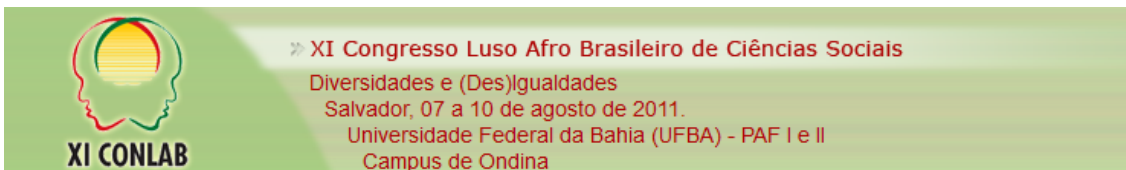
A expectativa de que trato aqui congrega tanto o cálculo do retorno de investimentos que os estudantes acham possível obter com os diplomas, quanto o projeto de vida, em termo mais amplo, que não se restringe necessariamente a escolha profissional do momento.

De início, posso adiantar que o que denomino aqui de redes sociais, pessoas ou grupo de pessoas destacadas como importantes pelos estudantes para o sucesso das trajetórias educacionais, não foram mencionadas quando se tratou das expectativas de inserção no mercado de trabalho, modificação, ou conservação de posição social.

Outra questão que atravessa a constituição das expectativas dos estudantes é a comparação com outros exemplos bem sucedidos na família ou entre amigos. Igor, ingressante no curso da Faculdade A, assim como outros entrevistados, pensa que, na atualidade, possuir um diploma de nível superior pode ser comparável a uma formação em nível médio de cerca de 20 anos atrás. Dessa forma, para o estudante, ocupar a mesma posição da tia, que estudou até o ensino médio e conseguiu ocupar o cargo de

---

<sup>8</sup> Ao tratar de determinismos, posições e disposições não estamos supondo que estes são imutáveis; ao contrário, como bem coloca Bourdieu, estes estão em constante transformação, fruto da disputa nos campos pela reprodução, distribuição, apropriação e conservação dos diferentes tipos de capital.



gerente em uma pequena empresa do ramo comercial, é o mínimo que ele pode esperar de sua inserção no mercado de trabalho.

Esta poderia ser uma visão restrita a estudantes de faculdades privadas, que como já assinaléi, foi o tipo de organização administrativa que mais recebeu crítica em relação à reputação que possui, principalmente sobre a qualidade de ensino que oferece, que, por sua vez, afeta a reputação do profissional por elas formado. Entretanto, esta não foi uma opinião isolada. A estudante concluinte no curso da universidade federal pensa que o campo da Administração além de ser extremamente competitivo requer muitas habilidades para além do que o curso de graduação oferece, como, por exemplo, a fluência em línguas estrangeiras e experiências de estudos em outros países. Bruna acredita que uma saída para as limitações provenientes de sua origem social e trajetória são os empregos no serviço público, onde o ingresso se dá através de concurso, e que muitas vezes não exige formação de nível superior.

Eu estou estudando pra concurso. [...] Talvez eu passe em algum pra área de Administração, mas não tem prioridade... a maioria é pro administrativo mesmo. No final do ano eu vou começar a me inscrever, no momento estou estudando, principalmente os assuntos que eu sei que caem nas provas. (Bruna, 21 anos)

A busca da ascensão via burocracia estatal já havia sido apontada por Azevedo (1955). Segundo o autor, essa estratégia seria mais efetiva à medida que mais instruído fosse o candidato ao cargo. Não é somente Bruna que pensa o concurso público como via privilegiada de ingresso no mercado de trabalho. Davi, estudante da universidade filantrópica, ao tratar da discriminação racial no mercado de trabalho, cogitou o concurso público como uma alternativa.

Existe uma coisa que eu tenho de sobra, que é competência, e num concurso público eu acho que até que eles queiram não dá pra te vetar. (Davi, 24 anos)

O concurso aparece como opção para inserção no mercado de trabalho também para Jussara, aluna do Centro Universitário, ainda na fase inicial do curso, mas já com pretensões de ingressar em postos do funcionalismo público.

Eu quero fazer concurso público, eu quero lecionar também, ainda não sei que matéria, eu não sei ainda, tô no começo do curso ainda. Quero fazer concurso público, por ter estagiado no Ministério Público me identifiquei, eu quero trabalhar lá. (Jussara, 22 anos)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O outro aluno do Centro Universitário, também ingressante no curso, Vítor, dá outra pista de porque tantos estudantes pensam que o concurso público será a via de acesso ao mundo do trabalho, em postos compatíveis com sua formação. Para o entrevistado, sua falta de relações com pessoas, uma rede, que possam indicar, encaminhar ou informar é um problema que dificultará seu ingresso no mercado de trabalho. Essa é uma situação, que segundo o estudante, atinge as pessoas em geral.

Eu acho que a questão da competência é algo que é muito importante, mas nem esse fator tem levado profissionais competentes pra trabalhar em suas respectivas áreas, eu acho que a condição hoje de pessoas que te indiquem a trabalhar em alguns setores tem prejudicado esses profissionais. Às vezes tem um profissional muito competente pra atuar num emprego, mas não atua porque não tem oportunidade de chegar lá. (Vítor, 20 anos)

O estudante prossegue demonstrando que apesar de ser ingressante no curso já conseguiu reunir um conjunto de informações relevantes sobre o trabalho profissional em sua área e as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Essas informações, porém, não são muito animadoras.

Eu tenho liberdade de atuar em vários setores, mas a perspectiva de me inserir no mercado... é muito complicado, é um mercado muito fechado, mas no mínimo eu poderia estagiar aqui (em Salvador), mas não é uma área que valoriza o profissional, trabalha com estagiário e atribui ao estagiário funções que são inerentes a um profissional da área. Até porque não querem pagar bem, querem ter um estagiário porque não tem vínculo empregatício. (Vítor, 20 anos)

O drama que Vítor espera viver no mercado de trabalho é o que Ísis, bolsista do Prouni na Faculdade B, já vivencia em seu atual emprego. A estudante é a que tem mais tempo de bolsa e disse que atrasa o final do curso inscrevendo-se em poucas matérias por semestre, por um lado, pra fazer as disciplinas mais tranquilamente, “sem a correria do início”, mas também para preparar seu reposicionamento no mercado, já que não teve a possibilidade de desempenhar uma função, que para ela, seja compatível com sua atual qualificação na empresa em que trabalha.

Eu tinha esperança de mudar de cargo dentro da empresa mesmo durante o curso, mas não tive essa possibilidade. Minha opção agora é de quando terminar o curso deixar esse emprego e procurar outro, porque não pra dá ter



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

feito o curso todo pra continuar fazendo a mesma coisa que fazia antes (Ísis, 35 anos)

Situação semelhante era a de Luís, concluinte do curso na Faculdade B, e que trabalhava já há alguns anos em uma empresa que comercializa gêneros alimentícios. Na época em que realizei a entrevista, existia a expectativa por parte do estudante de continuar no mesmo emprego, mas mudando de função. Seu desejo era ser promovido na empresa e havia essa possibilidade, segundo ele. Após cerca de seis meses da realização desta entrevista nos encontramos na Faculdade de Administração da Universidade Federal. Luís estava frequentando um curso de extensão, na área de política pública para o terceiro setor, voltado para profissionais da área de Administração. Durante a conversa ele me explicou que havia sido demitido do antigo emprego pouco tempo após a conclusão do curso. Segundo ele, o motivo da demissão não teve relação com o fato de ter concluído o curso, mas com os “efeitos da crise” que atingiu também a empresa em que trabalhava. Apesar de não ter gravado a conversa, o estudante me autorizou a fazer anotações, que transcrevo aqui com minhas palavras.

“Depois que fui demitido da empresa em que trabalhava, estou dando preferência para minha especialização. Logo quando saí do emprego procurei alguma coisa na área de Administração, mas não encontrei nada. Fui nas agências de emprego aqui de Salvador, mas quando existia uma vaga compatível comigo eu não preenchia todos os requisitos, por não ter experiência anterior no cargo, e eles pedem no mínimo de seis meses, ou por não ter alguma qualificação exigida, como fluência em inglês ou espanhol. No momento estou vivendo do seguro desemprego e procurando trabalho. Estou fazendo esse curso aqui e também quero fazer um curso de Inglês”.

A situação vivida por Luís deixa claro que aquilo que estou tratando como expectativa é algo momentâneo e circunstancial, um planejamento fraco, dados os recursos que os entrevistados conseguem mobilizar. As redes que Luís pode penetrar na busca de recolocação no mercado de trabalho são formais, estabelecidas pelo Estado, o que, por um lado, permite que o profissional consiga inserção em empresas nas quais não tenha relações prévias, mas, por outro lado, não há possibilidade de concessões, é necessário possuir os requisitos exigidos pelo “sistema”. Seria interessante acompanhar esses estudantes por um espaço de tempo mais longo e ver de que forma suas expectativas confirmam-se ou são contraditas. Além disso, uma pesquisa mais longa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ajudaria a compreender quais são as estratégias dos entrevistados para a inserção no mercado de trabalho, a exemplo da que Luís iniciou depois de ser demitido, na busca por especialização pós-graduada.

No momento, posso apontar que entendo a ação do estudante como uma tentativa de agregar valor ao diploma da faculdade em que estudou. Não penso que seja coincidência o fato dele ter procurado a universidade federal para fazer o curso de especialização. Quando questionado sobre o motivo para ter se inscrito no curso dessa instituição, Luís apontou que tinha um preço acessível em comparação a outras instituições que oferecem cursos semelhantes. Outro motivo da escolha pelo curso é que este era ministrado por profissionais respeitados na área e que o diploma recebido valorizaria seu currículo.

Nem sempre a entrada imediata no mercado de trabalho é o que o estudante pretende fazer após finalizar o curso. Amanda, aluna da Universidade Estadual, deseja ingressar em um mestrado acadêmico na mesma instituição em que concluirá a graduação.

Eu pretendo concluir minha graduação, e, antes disso tudo, eu quero estar num projeto de pesquisa, porque eu pretendo depois da graduação ingressar no mestrado. (Amanda, 25 anos)

Para alguns estudantes que ainda estão no início do curso, a expectativa é de ascensão, sem muita definição de uma atividade concreta após término da formação. Essa é obviamente uma expectativa vaga, mas que delinea o motivo de todos esses estudantes estarem cursando o nível superior: a busca pela mobilidade social. Mesmo que às vezes eles não demonstrem esperar que sua futura posição seja muito distante da de membros de sua família, como afirmou Igor ao dizer que deseja estar pelo menos no “mesmo nível” que a tia.

Com meu curso eu vejo uma possibilidade real de ascensão, eu vejo agora que tá mais perto do que nunca, um crescimento. (Pilar, 21 anos)

As mudanças materiais mais importantes são projetadas para o futuro, mas os entrevistados não perdem de vista que o ingresso no ensino superior proporcionou transformações em suas vidas, principalmente no campo simbólico.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O aumento da autoestima é citado pelos entrevistados como um dos resultados do ingresso no ensino superior. Essa modificação está relacionada ao maior acesso à circulação de conhecimentos e ao aprendizado proporcionado pela educação de nível superior. Mas também há um componente relativo à modificação de *status*.

As expectativas sobre o futuro não constituem uma narrativa homogênea, mas a variação entre esperança e descrença de uma boa inserção profissional e uma mudança de posição social não segue estritamente a linha que divide alunos das IES públicas e IES privadas ou alunos que estão no início ou no final curso. Percebi nas entrevistas que quando os estudantes tratavam do que era possível esperar, levando em conta a formação adquirida no ensino superior, a postura tendia a ser pouco audaciosa. Os entrevistados se mostraram extremamente cientes das “limitações” e desigualdades acumuladas ao longo da vida, as quais o ingresso no ensino superior apenas não conseguiria dar conta de ajudá-los a superar.

Eu acredito que ao longo do tempo, o nível superior vem se tornando não um degrau a mais, ele tá se tornando algo muito comum, eu creio que no período da minha formação muita coisa já vai tá mudada, não vai ser algo muito extraordinário. Eu acho que o curso vai ser apenas uma base pra eu continuar os estudos, e eu não acredito que o meu curso vai me dar tanto retorno financeiro. Eu faço porque é uma área que eu gosto... o único retorno financeiro, a minha alternativa é fazer trabalhos paralelos pra aumentar a renda, mas não que a minha área em si remunere bem seus funcionários. (Jussara, 22 anos)

Entretanto, as suas expectativas englobam questões para além do *status* privilegiado que o ingresso no ensino superior possibilita e do retorno financeiro que o curso poderá proporcionar. A lembrança da história de migração dos pais, da infância pobre, do esforço pessoal e familiar para completar a trajetória escolar mostra que o caminho percorrido já é bastante significativo. Lucas, estudante ingressante na universidade federal, tem uma fala que sintetiza a de muitos outros entrevistados.

Eu espero mudar a vida da minha família estruturalmente, eu sei o quanto foi difícil, as dificuldades que a gente já teve. É uma história muito marcada pela pobreza, como eu falei, meus pais vieram do interior, estudaram pouco, trabalharam muito, se esforçaram muito pra criar eu e meus irmãos. Então você acaba tendo que pensar numa mudança, buscar uma profissão e na sua profissão conseguir algum tipo de mudança social pra você e pra sua família, financeira... também buscando falar sobre problemáticas da sociedade, sejam elas raciais, orientação sexual... tanto como buscar também me inserir na profissão, me inserir enquanto uma pessoa... como eu falei, eu sou essa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

minha história, uma pessoa de classe baixa, que veio de, que tem uma historia toda complicada, de diversidade, que conheço a realidade da minha comunidade, a realidade de comunidades similares a minha e das pessoas que passam por isso. Então, eu também tenho um compromisso de estar atuando como uma pessoa que saiu dessa comunidade... não que saiu, mas que teve acesso a outras coisas que as pessoas da comunidade não teve. (Lucas, 21 anos)

Nenhum plano de comprometimento social apresentado pelos entrevistados supõe a atuação em movimentos sociais organizados, a proposta parece traduzir a necessidade de uma postura socialmente engajada no desenvolvimento de suas comunidades de origem e da sociedade em geral.

A postura é, portanto, de afirmação da própria origem social e de valorização desta, o que sugere uma aproximação, e não afastamento do seu grupo de origem, o que diversos estudos apontaram anteriormente<sup>9</sup>.

Ao invés do embranquecimento, que foi a regra no passado, a crer nos autores que pensaram sobre o negro que ascendia socialmente, estes estudantes pensam sobre si mesmos enquanto pessoas que precisam conciliar aspectos de duas realidades diferentes que, às vezes, são contraditórias. Entretanto, as contradições e a incompatibilidade na existência “entre lugares” pode também ser a geratriz de mudanças sociais.

Sem dúvida, os estudantes entrevistados demonstraram ser profundamente conscientes de sua condição social e das desigualdades provenientes de sua origem social e racial. A ascensão social pretendida apresenta para eles a possibilidade de agirem como sujeitos transformadores da realidade de outros, o que pareceu ser visto com simpatia. Essa postura apresentada pelos estudantes durante as entrevistas contraria novamente as observações teóricas clássicas sobre o negro que ascende.

Uma questão relevante é que esses jovens negros demonstram compreender que

---

<sup>9</sup> A partir da década de 1950, sociólogos brasileiros passaram a produzir uma série de estudos que se tornaram clássicos para a Sociologia das Relações Raciais. O Projeto Unesco reuniu muitos desses estudos e lançou bases para definição, entre outras coisas, do padrão de ascensão social do negro no Brasil. Individualismo, embranquecimento e assimilação eram dois conceitos-chaves para descrever os negros que ascendiam (Azevedo (1955); Fernandes; Bastide (1959); Costa Pinto (1953)). Figueiredo (2002) critica essa posição nos estudos clássicos, apontando que o embranquecimento é um valor social e não restrito a negros em processo de ascensão. A autora introduz uma nova perspectiva analítica lançando mão do conceito de negritude, no qual, a ascensão social do negro não está, necessariamente, em conflito com posturas que indicam existência de orgulho étnico-racial.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

seu ingresso no ensino superior é fruto, além de seu próprio mérito, da atuação política do movimento negro no Brasil. Outro fator de destaque é que o avanço na melhoria de vida para a população negra e pobre, na perspectiva desses estudantes, também depende de sua atuação. A raça é importante na constituição de suas identidades; esta é também ingrediente fundamental para a percepção de que o lugar ocupado pelo negro na sociedade é fruto de uma estrutura social que age de forma a tentar mantê-lo em posições inferiores e não da própria disposição deste para ocupar esse lugar. Essa postura é um grande avanço em relação a resultados obtidos em pesquisas anteriores, o que me permite formular a hipótese de que o negro em ascensão na atualidade não é nem o embranquecido, que nega qualquer aproximação com as práticas culturais e identitárias do seu grupo de origem; e nem aquele que incorpora símbolos da cultura negra com finalidades mais estéticas que de mobilização política.

As ações afirmativas talvez tenham sido impulsoras desse “novo” tipo de postura do negro, defendido pelos estudantes entrevistados, e que não passa necessariamente pela filiação a organizações de protesto negro ou a associações culturais. Entendo que a disposição destes em atuar politicamente em prol da comunidade de origem, e da população negra e pobre em geral, pode estar associada à consciência da necessidade de se manterem abertas estas novas vias de ascensão social; pode também ser uma ruptura com estratégias de ascensão com base essencialmente em redes de relação pessoais e informais. Tudo isso ocorre, em certa medida, porque as ações afirmativas não somente instituem uma política pública para a população negra brasileira, mas também por representar uma mudança nas condições em que se processa a mobilidade social, ao oferecer uma alternativa formal para esta.

## Referências

- AZEVEDO, Thales de. [1955]. *As elites de cor, um estudo de ascensão social*. EdUFBA: Salvador, 1996.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- BRANDÃO, A. A. P. (Org.). *Cotas raciais no Brasil - a primeira avaliação*. 1. ed. Rio



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de Janeiro: DP&A, 2007.

BRANDÃO, André Augusto P. & TEIXEIRA, Moema De Poli. *Censo étnico-racial da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Mato Grosso: dados preliminares*. Niterói: EdUFF, 2003.

CARVALHO, C. H. A. O ProUni no governo Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial p. 979-1000, out. 2006. Disponível em <[Http://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>

CASTRO, J. A.; AQUINO, L.(org.). Juventude Negra e Educação Superior. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L.(org.). *Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Texto para Discussão N 1335*. Brasília: IPEA, 2008.

CATANI, A. M.; HEY, A. P.; GILIOLI, R. S. P. ProUni: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? *Educar, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006*. Editora UFPR.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F.; DOURADO, L. F. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 75, Agosto/2001.

FAGUNDES, Maria Emília. *Informalidade na Região Metropolitana de Salvador: um estudo exploratório*. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

FIGUEIREDO, A. L. S. . *Novas elites de cor: Estudo sobre os profissionais liberais de Salvador*. São Paulo: Annablume, 2002.

GUIMARÃES, A. S. A. O acesso dos negros às universidades públicas. In: SILVA, P. B.G.; SILVÉRIO, V. (Orgs.). *Educação e ações afirmativas: entre a justiça simbólica e a justiça econômica*. Brasília: INEP, 2003.

\_\_\_\_\_. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do, (Org.). *Origens e Destinos: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2003

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal, 1979

OLIVEIRA, J. F. [ET AL]. *Políticas de Acesso e Expansão da Educação Superior: concepções e desafios*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2006.

PASTORE, J. & N. SILVA. *Mobilidade social no Brasil*. Makron Books, 2000.

QUEIROZ D. M. et. al. *Educação, racismo e anti-racismo*. Programa A Cor da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, Salvador: Novos Toques, n. 4, 2000, p.11- 44.

QUEIROZ, D.M. (org.) *O negro na universidade*. Salvador: UFBA, 2002.

SANTOS, Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos. *Desigualdades ocupacionais entre brancos e negros na Região Metropolitana de Salvador (1987-1997)*. 1998. Dissertação. (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Renato Emerson e LOBATO, Fátima (orgs.). *Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais*. Rio de Janeiro: DP&A/ LPPUERJ. Coleção Políticas da Cor, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- SILVA, F. C. A Democratização do Acesso ao Ensino Superior: um estudo sobre o sistema de reserva de vagas étnico/raciais e sobre o Programa Universidade para Todos. *Mestrado* (Dissertação), Fundação Getúlio Vargas; Rio de Janeiro, 2007.
- SILVA, J. S. Por que uns e não outros?: caminhada de estudantes da Maré para a universidade. Rio de Janeiro, 1999. Tese (dout.) PUC/RJ. (2.v)
- SILVA, N. V. *White-Nonwhite Income Differentials: Brazil 1960*, University of Michigan, PhD Thesis, 1978.
- SIQUEIRA, D. S. P. Administração: há vagas: expansão do ensino superior privado na Região Metropolitana de Salvador (1994-2000). 2001. 180 f. *Dissertação* (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- TEIXEIRA, Moema De Poli. *Negros e Universidade: Identidade e Trajetórias de Ascensão Social no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1998.